

BENJAMIN: OLHARES SOBRE O URBANO

Marcos Antonio de Menezes.

Ms/Doutorando em História pela UFPR. Bolsista do CNPq. Membro do NEHAC.

A maneira singular como Walter Benjamin passeou por algumas das cidades européias lembra a figura do *flâneur*. Este enigmático ser que desliza por ruas e bulevares contemplando a cidade e cultivando o ócio. Se a Paris oitocentista é por excelência o seu habitat, Benjamin vai pegar-lhe por empréstimo o modo de olhar para ver outras paragens.

O *flâneur* foi imortalizado e incorporado pelo poeta Charles Baudelaire. Sua poesia da cidade tem na descrição do cenário alguma coisa do ser que, embriagado por luzes e formas vaga por entre prédios, vitrinas e pessoas. Baudelaire foi o tema de muitos dos estudos de Benjamin. Um conjunto de motivos relacionam-se na trama central que se tem a partir do conceito de fetichismo da mercadoria.

Benjamin trabalha a noção de *flâneur* como tradução do espírito de mobilidade que se inaugura com a modernidade. Para isso a discussão sobre a noção de espaço, particularmente no que diz respeito a cidade de Paris, é importante. O *flâneur* surge assim como um indivíduo desenraizado que se locomove através do espaço urbano remodelado. Ambos vão buscar na imensidão das grandes cidades o efêmero que caracterizou suas épocas.

Poeta e intelectual se unem para sentir o impacto da cidade européia, Paris ou Berlim, e o local dessa imagem urbana já não é a praça pública, mas, as longas ruas, avenidas, os bulevares, as galerias, os becos da cidade que sofre o impacto da metropolização.

Nestes dois homens era simultânea a decepção com o desenvolvimento tecnológico, o impacto da vivência nas metrópoles e a derrota da revolução. Parecia que a vida perdia o sentido, já não era tão simples descobrir a justa proporção entre os produtos. Tentaram resgatar os objetos e as pessoas perdidas no caos da grande cidade. A audácia e desprendimento daqueles que, atirando sobre os relógios, queriam fazer parar o tempo e a história; não pode se sustentar por muito tempo como projeto filosófico e estético. Este pacto com o diabo não iria sobreviver à catástrofe.

Como narrador do espaço urbano Benjamin vive em constante tensão com o espaço narrado, algumas vezes, chega mesmo a não compreender o que se passa ao seu lado, pois as transformações são de tal forma vertiginosas, velozes e brutais que mal há tempo para acompanhá-las.

Desde a infância em Berlim, o menino Benjamin já se mostrava embriagado pelos mistérios da cidade. *"Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução."*²

A pesar de só ter aprendido esta lição na vida adulta, foram os anos da infância os responsáveis pelo culto às imagens e formas do urbano. A descrição minuciosa, o olhar atento e a imaginação aguçada são próprios da criança que habitou o filósofo toda vida.

Benjamin escreveu dois livros sobre sua cidade natal, Berlim; *Rua de Mão Única* e *Infância em Berlim por volta 1900*, eles foram escritos entre 1932 e 1933, revelando uma forte influência de Baudelaire e Proust, dos quais, como se sabe, Benjamin foi leitor, tradutor e crítico.

*"Em estilo lapidar e sem sentimentalismo subjetivista, flashes do adulto em direção à sua infância e à sua juventude, procuram reencontrar, em vão, os olhares da criança que ia descobrindo a si e à sua circunstância. Partes da cidade _ como Tiergarten, Siegessäule, Pfaueninsel _ recompõem como um palimpsesto a ser decifrado. Constituindo-se uma grande constelação de observações, cujo sentido é sugerido."*¹

Berlim é lhe a inspiração e a busca constante. *"Por meio de Moscou se aprende a ver Berlim mais rapidamente que a própria Moscou."* (155).

O exilado vaga por países distantes mas tudo o que seus olhos vêem lembra a pátria. Sua busca por um novo lugar tem a marca do passado.

*"A luzes e o colorido que você vê agora
Nas ruas por onde anda, na casa onde mora
Você olha tudo e nada lhe faz ficar contente
Você só deseja agora, voltar prá sua gente"*³

Antes dos livros sobre Berlim, Benjamin havia escrito uma série de textos, "retratos", de várias cidades da Europa, como Nápoles, Moscou, Weimar, Marselha e San Gimignano, nas quais havia morado por algum tempo.

Nestas cidades, onde havia vivido por algum tempo, Benjamin:

*"mostra e compara diferentes características nacionais ou observa certos momentos históricos decisivos; há um olhar compreensivo e carinhoso, que decifra a história em cada pedra e a vida em cada gesto: como a obra de arte, cada cidade é um mundo completo e autônomo. A cidade é uma obra de arte; a obra de arte é uma cidade em que se pode andar e viver. Mônada que se revela, o monumento concretiza uma idéia, que Benjamin procura desvendar e exibir: para ele, a cidade é como uma biblioteca cheia de livros à espera de leitura. Na cidade natal, procura o passado; na cidade estrangeira, o exótico e o pitoresco. Em ambos os casos, busca-se trazer algo distante (Ferne) para perto (Nähe); sempre, porém, próximo se mostra como distante. Constitui-se assim a 'aura'. A cidade de Berlim ainda estava ali, mas a Berlim de sua infância havia se tornado algo irremediavelmente perdido."*⁴

Aqui cada texto apresenta um fragmento de uma determinada cidade visitada por Benjamin, que somente a leitura é capaz de juntar e somente a partir da leitura é possível construir um sentido para esses estilhaços de cidade, disseminados no discurso narrativo. Essa fragmentação do que aqui é classificado como mapas textuais carrega consigo a vontade de compreender as tensões enfrentadas e retratadas pelas narrativas urbanas e seu narrador.

Narrar a megacidade polifônica, exorbitantemente eloquente, nos coloca frente a frente com uma ansiedade: já não se trata de localizar no mapa uma direção a partir da qual poderíamos chegar

a mil lugares sem chegar a nenhum ponto. O que nos desestabiliza é que os mapas que colocavam ordem nos espaços e geravam significação global para os comportamentos, para as travessias, estão se desvanecendo.

Os marcos urbanos, associados a hábitos cotidianos, funcionam como colunas mestras na construção do texto memorialístico. A imagem de edifícios, ruas e bairros condensa-se tão fortemente a crenças, sonhos e preconceitos, que o roteiro da narrativa é oferecido ao leitor, de início, alegorizado na malha citadina.

A casa do *flâneur*, sua cidade, Paris, é vista por Benjamin como um enorme livro a dar-se a ler. "*Paris é um grande salão de biblioteca atravessado pelo Sena.*" (195). Seu último exílio, nos é por ele apresentado como a cidade que inspirou as grandes obras primas da literatura mundial. Cada obra está ligada a um monumento da cidade. Os romances de Vitor Hugo lembram Notre Dame, *O Fantasma da Ópera* de Loroux a própria Ópera; *Os Noivos da Torre Eiffel*, de Cocteau, a Torre. "*Esta cidade se inscreveu tão indelevelmente na literatura porque nela mesma atua um espírito aparentado aos livros.*" (195).

Foi pelas páginas, ruas, desta cidade com aparência de livro que Benjamin encontra seu objeto de pesquisa dos últimos anos de vida e uma de suas paixões: Baudelaire. Suas poesias e ensaios vão levá-lo a pesquisar por anos a relação deste *flâneur* e sua cidade.

Segundo Olgária Matos, "*com o Angelus Novus, também Benjamin e Baudelaire testemunham o desfiguramento, a destruição e as ruínas da metrópole moderna - 'Néon aflito', a cidade iluminada*"⁵ é mostrada como a face de um desventurado.

Baudelaire falou da cidade irreal e na necessidade de a imaginação produzir a “sensação de novidade” deste novo espaço urbano. No poeta, a “floresta de símbolos”, a unidade das correspondências, é substituída pela “*Fourmillante cité*” (“Cidade a fervilhar”), árida terra industrial do tédio e do aborrecimento.

Baudelaire buscou na imensidão das grandes cidades o efêmero que caracterizou sua época. Ele viveu na Paris oitocentista no momento de sua reforma urbana, sob o governo de Napoleão III. Da reforma nasceu um conceito de modernidade urbana, em que a construção de grandes vias para a rápida circulação de cargas e de transporte de passageiros passa a ser privilegiada.

Paris, na época de Baudelaire, era a capital da "utilidade fútil", seus cafés, bulevares, salões e passagens foram freqüentados por uma sociedade esqualida, desejosa por ver o rosto refletido em tudo o que construía ou podia comprar. A Paris de Baudelaire é uma cidade vibrante onde em cada esquina flui o mistério, a história. Onde era possível ainda permanecer exterior à multidão sem se dissolver nela. Em seu passeio analítico pela cidade, o *flâneur* escolhe como abrigo e esconderijo das ruas, agora entulhadas de gente e coisas, as passagens aquelas ruas cobertas por estruturas de

ferro e vidro, precursoras do atual shopping center. A *flânerie* dificilmente poderia ter-se desenvolvido em toda plenitude sem as galerias.

Desenraizado, o *flâneur* pode ir a todos os lugares, mas não está “em casa” nem na sua própria cidade, para ele, ela é apenas um mostruário. Não nos esqueçamos que a Paris do Segundo Império é a metrópole em mutação. Sofrendo as reformas do Barão Haussmann, a cidade se tornou estranha para seus moradores: era preciso novamente aprender a andar por ela.

*"Moicano de Paris, o flâneur fareja rastros como quem caça, mergulha na multidão como quem se perde numa floresta, decifra pela fisionomia a história de vida de cada passante, e faz tudo isso numa peregrinação incessante pela cidade. (...) E viaja pelas fantasmagorias da modernidade que brotam, como uma flora noturna, sobre esses suportes reais: o sonho da moda, o sonho da técnica, o sonho da arquitetura, o sonho do urbanismo, e o sonho-síntese, o sonho das passagens, onde se condensam as energias oníricas da cidade."*⁶

É através do olhar do *flâneur* que a cidade de Paris é transfigurada poeticamente por Baudelaire, mediante o estado de *spleen*. Paris constitui-se como objeto arquitetônico privilegiado por Benjamin e a que recorre constantemente, quer para situar Baudelaire, quer para caracterizar e compreender a sua obra, do ponto de vista da sua modernidade, é a nova cidade, após sua reconstrução, tal como foi levada a cabo por Haussmann, no século XIX.

O passeio de Benjamin pela "cidade luz", transforma as ruas de Paris em espelhos. O asfalto reflete as imagens literárias criadas na cidade. São espelhos que mostram o agitado mundo dos romances de Hugo e Vigny, as lembranças de Proust e espelhos turvos refletem o naturalismo de Zola. O Sena é o grande espelho desta cidade. *"Diariamente a cidade lança neste rio suas sólidas construções e seus sonhos de nuvens como se fossem imagens"*. (198).

Foi a proposta revolucionária do surrealismo que forneceu a Benjamin uma perspectiva instigante para a observação da metrópole francesa. E essa cidade tornou-se, ao longo das décadas de 1920 e 1930, seu principal objeto de pesquisa. Aí empenhou o melhor de sua experiência — das lembranças pessoais à erudição filosófico-literária, da reformulação do conceito de alegoria às reflexões sobre o cinema, do conhecimento teológico aos estudos do marxismo — e desenvolveu uma ousada metodologia crítica. Seu projeto era revelar o sentido contraditório da modernidade, tal como se refletia no espelho luminoso mas já estilhaçado de Paris, a “capital do século XIX”.

Para Benjamin Marselha é a *“dentadura de foca, amarela e infectada, de cujos dentes corre água salgada”*. (198). Cidade portuária que abocanha os corpos dos proletários cuja população se assemelha a *“uma cultura de bacilos; carregadores e meretrizes, produtos antropomorfos de putrefação”*. (198).

O Olhar de Benjamin flana, por ruas e penetra nas habitações para nos mostrar um mundo decadente mais apaixonadamente vivo. A cidade parece valsar com as ondas do mar e seus milhares

de barquinhos pesqueiros que colorem tudo de branco, lembrando gaivotas. Além de toneladas de peixes os pesqueiros derramam no cais do porto marinheiros sedentos por sexo e diversão.

Chamou-lhe a atenção o bairro portuário com seus ruídos móveis e densos “*como borboletas em canteiros de climas quentes*”. (199). Já no bairro de *Notre Dame de La Grande* se aninham as casas da *Cité Chabas*, onde durante a noite dezenas de lampiões formam pontos brilhantes como vaga lumes no pasto em outubro. O bairro descansa seus pés sobre uma velha fortaleza desativada.

A catedral que Benjamin vê assemelha-se a uma estação de trem abandonada de onde “*como carros-leito para a eternidade são aqui despachados durante a missa*”. (200).

Dos bairros onde moram os nativos de Marselha escorre uma luz fraca e melancólica que só quem cresceu na cidade conhece.

“*Nada vão revelar ao viajante as casas cinzentas do Boulevard de Longchamps, as grades das janelas do Cours Puget e as árvores da Allée de Meilhan, se um acaso não o conduzir à câmara ardente da cidade, à Passage de Lorette, o pátio estreito onde, na presença de alguns homens e mulheres sonolentas, o mundo inteiro se encarquilha na forma de uma única tarde do domingo*”. (201).

No cais do porto se erigem dezenas de barracas de vendedores de mariscos e ostras como se fossem girassóis ao meio dia. Misturando tudo no imenso liquidificador do comércio portuário, outras tantas barracas de *souvenir*.

Os coloridos dos muros e suas formas politizadas como se fossem soldadinhos de chumbo na Praça Vermelha chamou a atenção do perambulante Benjamin. Vendedores anônimos se encostam nestes muros à espreita de um cliente que não passa.

“*Quão distante estamos da triste dignidade de nossos pobres, dos mutilados da guerra da luta de concorrência, nos quais estão pendurados cordões de sapato e latas de graxa como se fossem galões e medalhas*”. (202).

Os subúrbios delimitam a batalha de morte entre campo e cidade, fileiras de postes de luz formam o corredor politizado por onde desfilam a pobreza, os esparsos asilos da miséria.

Para falar de Nápoles, Benjamin vai analisar a devoção que este povo têm pela religião católica. “*Se um dia desaparece da face Terra, seu último reduto não seria Roma, mas Nápoles*”. (145). A cidade é o berço da Camora a máfia Italiana. Ela e a Igreja são as verdadeiras autoridades, dominam a vida da comunidade, se um objeto lhe é furtado não é à policia que debes recorrer mas ao padre ou a um mafioso.

A Cidade parece uma Kral - aldeia africana em forma de círculo. Toda vida desenrola em uma imensa festa coletiva onde crianças brincam despreocupadas no meio da rua e nos pátios que surgem dos cantos e becos. As ruas são como uma enorme e permanente feira onde tudo é comercializado. A vida doméstica penetra estas ruas e como enorme poros uma engole a outra. Público e privado perdem seu assento para dar lugar à festa.

"O feriado penetra sem resistência qualquer dia de trabalho. A porosidade é a lei inesgotável dessa vida, a ser redescoberta. Um grão de domingo se esconde em todo dia de semana, e quantos dias de semana nesse domingo". (150).

No seu dia-a-dia as ruas são enfeitadas lembrando o teatro e, no grande palco encena-se a mais fervilhante algazarra. *"Balcões, átrios, janelas, porões, escadas, telhados, são ao mesmo tempo palco e camarote".* (148). As festas populares, profanas e religiosas, não têm hora e nem lugar para acontecer, basta alguém em uma roda mais animada propor e pronto, tudo se transforma em estrondo e alegria, imediatamente o céu se cobre com fogos de artifícios que colorem até a mais carrancuda melancolia.

A miséria e a malandragem são, em Nápoles, traços do urbano. A loteria, o jogo de azar, parece ser o meio de vida mais usual. *"A embriaguez mais ponderada e mais liberal do jogo de azar, do qual toda a família participa, substitui a alcóolica."* (151).

A arquitetura da cidade é porosa como as rochas do lugar. Os espaços são ao mesmo tempo uma coisa e outra, construção e ação se misturam em pátios, arcadas e escadas. Tudo tem utilidade variada como se nada fosse feito para um propósito.

Para Benjamin, a discussão da cidade, de início associado aos aspectos físicos, ganha novo colorido quando associado à idéia de uma arquitetura porosa como uma rocha, onde as construções e as ações se entrelaçam uma nas outras em pátios, arcadas e escadas. Na realidade, a idéia de porosidade afirma que a cidade é essencialmente algo *não-definido*, pronto e acabado. Pelo contrário, as formas ganham dinamismo através da vida das pessoas.

Benjamin visita o País de Outubro e se encanta com sua capital. Para ele ir a aquele momento à Rússia Soviética com o saber consciente do que acontecia lá era aprender a julgar a Europa. *"Isso é a primeira coisa que toca ao europeu sensato na Rússia. Eis por que, por outro lado, a estada para o estrangeiro é uma pedra de toque tão mais precisa. O briga todos a escolher um critério".* (155).

Em Moscou as ruas são agitadas e estreitas, diferentemente que as de Berlim, pessoas se acotovelam para abrir espaço em meio a multidão de iguais. São poucas as ruas onde o *flâneur* poderia vagar levando pelas mãos sua tartaruga. As mercadorias irrompem das casas invadindo o passeio público e a rua. Há vendedores de cigarros, de frutas, de doces.

"Ao lado, tem um cesto de roupas com as mercadorias, às vezes também um pequeno trenó. Um pano de lã colorido protege maçãs ou laranjas contra o frio; duas amostras ficam por cima. Ao lado, bonecos de açúcar, nozes, bombons. Faz pensar numa avozinha que, antes de sair de casa, olhou ao redor em busca de tudo com que pudesse surpreender seus netos". (156).

Durante a noite a Moscou é uma cidade silenciosa, poucos carros circulas e uma barricada de prédios intransponíveis se erguem de um lado e outro da rua. A luz do sol tudo se transforma,

apesar da espessa neve o dia enche tudo de gente e o comércio ambulante, apesar de proibido pela Revolução, dá sua marca.

Tudo o que Benjamin vê na capital dos bolcheviques o faz lembrar sua Berlim e as comparações são constantes até o número de carro a circular o lembra sua cidade. Mas sua observação é meticulosa e a comparação com os países capitalistas do ocidente não poderia lhe escapar já que o momento pelo qual passava a Rússia era singular, a Revolução havia triunfado e o socialismo imperava.

Benjamin de forma apaixonada perambulou pelas ruas de Moscou e imaginou suas imagens sobre aquelas que o olho vê; ao projetar suas fantasias e esperanças Benjamin escreveu um precioso documento pessoal sobre a cidade. As imagens de uma cidade não se resumem ao que é visto na sua objetividade, livre das desordens do desejo e do devaneio de um sonhador; são todas as fotografias por ele imaginadas. "*O olhar sem dúvida voltado para a distância, mas a incansável preocupação para o momento.*" (187).

Segundo Willi Bolle, Moscou era para os intelectuais de esquerda da Alemanha, durante os anos de 1920, desejosos de conhecer os resultados da revolução Socialista, com a qual sonhavam para seu país, o rumo do aprendizado era a capital da recém-criada URSS.

*"Entre os primeiros escritores alemães a visitar o país em meados dos anos de 1920 e a trazer informações sobre a cena cultural soviética, esteve também Walter Benjamin. Sua estada em Moscou, em dezembro de 1926 e janeiro de 1927, possui todas as características de uma viagem de formação. A relativa brevidade de sua estada e o fato de ele não dominar a língua daquele país colocaram limitações. Mas elas são amplamente compensadas pela intensidade dos contatos humanos, pela sua arte de leitura fiognômica da cidade e pelas marcas que a experiência soviética deixou em sua obra."*⁷

Em Weimar é a algazarra da multidão no mercado, na feira, que desperta, em forma de música, o olhar ainda, sonolento de Benjamin.

"por volta das seis e meia começavam a se afinar: baixos em forma de trave, violinos-pantalhas sombrosos, flautas de flores e timbales de frutas. O palco ainda quase vazio: mulheres feirantes, nenhum freguês. Tornei a dormir. Por volta das nove, quando acordei, era uma orgia: as feiras são a orgia das horas matinais, e a fome anuncia, assim teria dito Jean Paul, o dia assim como o amor o finaliza." (192).

Benjamin vai lamentar ter perdido o espetáculo que poderia ter visto do seu camarote, quarto, "*a partir do qual a visão se tornava para mim um balé como nem o próprio Luís II os palcos de Neuschwanstein e Herrenchiemsee podiam oferecer*". (192). Mais uma vez o passado a lhe incomodar o que ficou neste passado e não pode mais ser recuperado, "*nada pode ser tão irrecuperável como uma manhã que se foi*". (192)

Já em San Gimignano ele tratou de não perder o espetáculo da natureza. "*Por hábito começo a acordar pouco antes do nascer do Sol. Então fico esperando que o Sol suba por detrás da montanha.*" (204) Os contornos desta antiga cidade, sua arquitetura, prendem a atenção do morador passageiro. Benjamin fica a procurar palavras para descrever o que vê.

"Achar palavras para aquilo que se tem diante dos olhos_ quão difícil pode ser isso! Porém, quando elas chegam, batem contra o real com pequenos martelinhos até que, como uma chapa de cobre, dele tenham extraído a imagem." (203)

A vivência só passa ter sentido depois de nossa inteligência ter articulado sua representação. E é uma vivência articulada a sua representação que Benjamin traz para seus textos sobre as cidades. De San Gimignano ele recolhe o cotidiano, o passar do tempo, "*fico a olhar da muralha da cidade.*" (204)

O *flâneur* refinado, de olhar perspicaz, presta atenção aos detalhes, nas formas, perscruta o passado do urbano com o olhar voltado para o futuro. "*Porém, a muralha, à qual estou apoiado, divide o segredo da oliveira, cuja copa se abre para o céu com milhares de brechas, como uma coroa dura e quebradiça.*" (204)

Benjamin perde seu olhar nos detalhes que compõe a cidade e vai tecendo uma trama artilosa e maravilhosa que leva o leitor a se perder e se encantar por tudo que é o não lugar e assento do urbano. Seu passeio tem algo de embriaguez e as palavras que usam em uma composição que mais parece poemas baudelairianos vai dando o fio de Ariadne desta narrativa que prende e ganha o leitor pesquisador e amante da poesia. Benjamin é sem dúvida o grande leitor das cidades, removendo pedras, ele constrói um texto parecido com os paralelepípedos das ruas por onde anda e se perde.

A importância e as características das figurações de cidades, projetadas nessa escrita memorialística, só se podem considerar no âmbito das relações entre modernidade, movimento urbanizador e vanguarda estética. A escritura de Benjamin propõe e ensaia a decifração da alta modernidade, gravada em fragmentos da vida urbana, através do resgate crítico feito pelo leitor, situado em sua atualidade.

Benjamin enquanto historiador do século XIX contrapunha a arquitetura das cidades a informações colhidas e ordenava tal coleção de citações e imagens concretas. Benjamin operava com a perspicácia do decifrador para identificar os impasses e contradições do capitalismo moderno, nos sonhos de progresso e nas fantasmagorias de riqueza e prazer.

Depois de 1933, no exílio, Benjamin não escreveu mais seus "Retratos de Cidades". "*Com a perda da pátria, perde-se também a categoria da distância; sendo tudo estranho, perde-se também aquela tensão entre próximo e distância da qual se nutrem os retratos benjaminianos de cidades.*"⁸

NOTAS

¹ KOTHE, Flávio René. *Benjamin & Adorno: Confrontos*. São Paulo: Ática, 1978, p. 108.

² BENJAMIN, Walter, *Rua de Mão Única - Obras escolhidas Volume III*. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 73.

Todas as demais citações do mesmo autor aparecerão no texto só com a indicação da página por se tratar da mesma obra.

³ CRLOS, Roberto e CARLOS, Erasmo. *Debaixo dos caracóis de seus cabelos*. In: VELOSO, Caetano. *Circulado Vivo*. Compacto. Disco. Philips Polygram, 1992.

⁴ KOTHE, Flávio René. Op. Cit., p. 108.

⁵ MATOS, Olgária C. F. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.72.

⁶ ROUANE, Sergio Paulo. *A razão nômade*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993, pp. 10-11.

⁷ BOLLE, Willi. *Fisognomia da Metrópole Moderna*. Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 180.

⁸ SZONDI, Peter. Posfácio. In: *Städtebilder*. Frankfurt a. M Suhrkamp V., 1972, p. 97. Apud. KOTHE, Flávio René, *Benjamin & Adorno: Confrontos*. São Paulo: Ática, 1978, p. 109.